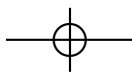


Epígrafe Antônin



Coleção Lampejo

copyright Hedra & n-1 edições

edição brasileira Hedra & n-1 edições 2019

tradução Carla Ferro

ilustração Waldomiro Mugrelise

edição consultada *Empédocle* seguido de *L'éclair de Spinoza*. Paris: Editions du Sablier, 1931

primeira edição Primeira edição

projeto da coleção Lucas Kröeff

coordenação editorial Peter Pál Pelbart e Ricardo Muniz Fernandes

coedição Jorge Sallum e Felipe Musetti

assistência editorial Luca Jinkings e Paulo Henrique Pompermaier

preparação Graziela Marcolin

capa Lucas Kröeff

ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.

R. Fradique Coutinho, 1.139 (subsolo)

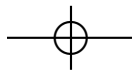
05416-011, São Paulo-SP, Brasil



Romain Rolland
O clarão de
Espinosa

Romain Rolland
O clarão de
Espinosa

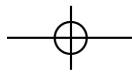
Romain Rolland
O clarão de
Espinosa



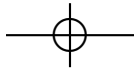





ROMAIN ROLLAND Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut purus elit, vestibulum ut, placerat ac, adipiscing vitae, felis. Curabitur dictum gravida mauris. Nam arcu libero, nonummy eget, consectetur id, vulputate a, magna. Donec vehicula augue eu neque. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Mauris ut leo. Cras viverra metus rhoncus sem. Nulla et lectus vestibulum urna fringilla ultrices. Phasellus eu tellus sit amet tortor gravida placerat. Integer sapien est, iaculis in, pretium quis, viverra ac, nunc. Praesent eget sem vel leo ultrices bibendum. Aenean faucibus. Morbi dolor nulla, malesuada eu, pulvinar at, mollis ac, nulla. Curabitur auctor semper nulla. Donec varius orci eget risus. Duis nibh mi, congue eu, accumsan eleifend, sagittis quis, diam. Duis eget orci sit amet orci dignissim rutrum.








Estas páginas sobre Espinosa, que fazem parte de um capítulo de *Confissões inéditas*, intituladas “A viagem interior”, foram publicadas apenas em uma longínqua revista da Ásia, em língua bengali: *Pro-basi* (1926), por meu amigo, o professor Kalidas Nag. E sobre isso quero contar um fato emocionante, que mostra mais uma vez o parentesco dos espíritos do Oriente e do Ocidente.



Algumas semanas após a publicação, Kalidas Nag recebeu, de uma prisão da Índia, uma carta censurada de um jovem preso político bengali. O prisioneiro, que havia lido o relato extático do adolescente francês vendo infiltrar-se através das barras de sua cela o sol branco do Ser, reconheceu-se no jovem irmão da Europa. E, de seu calabouço desconhecido da Ásia, estendia as mãos para ele, comovido.



Romain Rolland

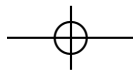






Eu sempre vivi duas vidas paralelas: uma, a do personagem que as combinações dos elementos hereditários me fizeram trajar, em um lugar do espaço e em uma hora do tempo; a outra, a do Ser sem rosto, sem nome, sem lugar, sem século, que é a substância mesma e o sopro de toda vida. Mas, dessas duas consciências distintas e conjugadas – uma epidérmica e fugaz, a outra durável e profunda –, a primeira, como é natural, encobriu a segunda durante a maior parte da minha infância, da minha juventude e mesmo da minha vida ativa e passional. Foi apenas por repentinas explosões que a consciência subterrânea, perfurando a couraça dos dias, jorrou como um jato fervente de poço artesianos – por alguns segundos, somente – e desapareceu de novo, sorvida pelos lábios da terra. Até a chegada da maturidade, quando os golpes repetidos das injúrias da vida alargam as fissuras da casca, o impulso da alma escava para o Ser oculto seu talvegue e seu leito de rio na planície.

Antes de alcançar esse estado de comunhão direta com a Vida universal em que estou agora, eu vivi separado dela e próximo, ouvindo-a caminhar comigo, sob o rochedo – e subitamente, de longe em longe, nos instantes em que eu menos esperava, era vivificado por essas irrupções de tor-





rentes artesanais, que me golpeavam a face e me derrubavam.

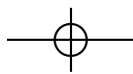
Eu notei três desses jatos da alma, três desses Clarões, que inundaram minhas veias com o fogo que faz bater o coração do universo. A marca de sua queimadura permaneceu tão viva em meu velho corpo – que a prova desde então rolou como um seixo – quanto no minuto longínquo em que se imprimiu na carne delicada e febril do adolescente.

Relatarei aqui apenas o segundo desses Clarões – as palavras de fogo de Espinosa.

Entre dezesseis e dezoito anos

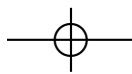
Dois trágicos anos. Insignificantes aos olhos que vissem somente a fachada, a vida familiar e escolar de um adolescente incerto. Mas eles escondiam os monstros devoradores do desespero mortal. Nesses dias, não em outros, eu toquei o fundo do nada. – “Oh amável juventude!”, diz-me amargamente Spitteler, pensando na sua...

Voltarei a isto mais adiante... Enquanto eu naufragava, apenas a tempestade de Shakespeare, agitando as camadas profundas do morno oceano, trazia, por arrebatamentos, minha carcaça à superfície, para mergulhá-la novamente na noite. Vou dizer o companheiro que Hamlet me foi então, e o comentário que dediquei a ele, agarrado a cada palavra como planta trepadeira...





Mas no espírito operava-se uma metamorfose. Potente e dilacerante. Eu emudecia, de corpo e alma, da voz como do pensamento. Aos dezesseis anos, minha inteligência era ainda fechada para as ideias abstratas. Eu atravessava às cegas as aulas de filosofia no colégio Saint-Louis, com Evelyn e Darlu. Diante dessas palavras sem rosto, sem cor, sem odor, que as mãos não podiam palpar, que a boca não podia morder, que se recusavam tanto à carícia quanto às ofensas dos sentidos, diante dessas palavras-máquinas da metafísica e da matemática, instrumentos de engenho criados pelo cérebro, eu ficava sufocado e hostil... *Fuori Bar- bari!*... – Ora, menos de um ano depois, no curso de filosofia que eu repetia no Louis-le-Grand para me preparar para a Escola Normal, tornei-me o primeiro da classe; e o excelente Sr. Charpentier, meu mestre grande e gordo, jubilava lendo as minhas dissertações a plenos pulmões para o seu rebanho: nas quais, aliás, traiçoeiramente, encenador do pensamento, eu fazia Malebranche dialogar com seu cachorro... A porta estava aberta e eu ultrapassava a fronteira do reino do Informe – sem dúvida antropomorfizando-o –, mas quantos filósofos (e eu falo dos maiores) foram menos ingênuos, ou mais presunçosos!





O círculo filosófico da turma “Philo A” do Louis-le-Grand era bem pequeno. Mas cuidadosamente escolhido e examinado. Ficava confinado entre as altas cercas-vivas do jardim de Descartes, a Versailles do pensamento. Fui substancialmente nutrido da medula cartesiana durante dois ou três anos. A isso eu acrescentava o que ia colher no terreno vizinho (“Philo B”), no vinhedo de Burdeau, as fantasmagorias pré-socráticas. Algumas sementes caídas do bico desses grandes pássaros jônicos e eleáticos germinaram depois, em meu “Empédocles de Agrigento”. – Mas o caminho natural do espírito me conduzia àqueles que, partindo do majestoso jardim murado de Descartes, tinham aberto, por uma brecha, perspectivas ilimitadas. Ele me levou diretamente, por instinto, tal como um cão guiado pelo cheiro de duas ou três palavras, a Espinosa.

Eu guardei preciosamente a edição – hoje rara, comprada nas galerias do Odeon – que foi, nesses anos, meu elixir da vida eterna: *Obras de Espinosa, traduzidas por Emile Saisset, com uma introdução crítica, nova edição revista e ampliada*. Charpentier, 1872, 3 volumes in-12, encadernadas em verde.

Embora meu pensamento esteja agora livre do estrito racionalismo do mestre Benoît, e tenha reconhecido nele muitos paralogismos, essa edição





continua sagrada para mim, como os Livros Sagrados para quem crê neles, e eu não toco esses três volumes sem um amor piedoso.

Não esquecerei jamais que no ciclone de minha adolescência encontrei meu refúgio no ninho profundo da *Ética*.

São quatro horas. Inverno. O dia cai. O dia terno com um céu cinzento e gelado. Estou sentado diante de minha mesa encostada na parede, perto da janela. No exterior, a rua Michelet deserta, onde assovia o vento frio do norte, e, separado por uma grade, o fúnebre jardim da Escola de Farmácia, onde os raros visitantes parecem rezar diante das tumbas das plantas¹. Mas não vejo nada lá fora. Estou enclausurado. Enclausurado no quarto fechado. Enclausurado em minha carapaça eriçada contra o frio, que penetra no cômodo sem aquecimentos e entra por baixo do sobretudo onde se encolhe meu corpo friorento. Enclausurado na contemplação do livro que meus dedos gélidos seguram. Ao meu redor, como uma aura mórbida, sinto o triste dia que perece, a implacável natureza, a prisão da cidade de pedra, e a dos meus pensamentos. O eterno prisioneiro, cativo em seu calabouço, arrasta o peso da preocupação,

1. Desde então a vegetação cresceu. Na época, o jardim havia acabado de ser inaugurado e era pedregoso.





da luta pela vida, da obsessão intransigente dos exames que envenena tantas jovens existências, dos fracassos repetidos, da necessidade de retesar todas as forças para o combate, não obstante o desgosto do combate, da obrigação moral de vencer, não apenas para viver, para salvar a própria vida, mas para salvar a vida dos seus, para corresponder ao sacrifício absoluto dos que apostaram toda a sua sorte em uma só carta: a minha sorte. Frágil e infeliz criança, sobre a qual pesa uma responsabilidade excessiva que ela não pediu! Que a oprime, e, no entanto, serve-lhe de armadura; pesando sobre seus ombros, ela obriga a criança a endireitar-se. Sem ela, ter-se-ia abandonado ao Sonho incessante que zumba do fundo da colmeia fechada. Mas, sob a capa que a recobre, sua fugidia e nervosa energia concentra-se, estende-se, angustiada, em direção a um luar que se infiltra pela pequena claraboia...

Ele se infiltra. Eu o fixo na noite do meu porão. Eu o fixo entre as barras escuras das linhas do livro encapado de verde. E sob a fixidez turva de meu olhar alucinado, eis que as barras se afastam e surge o sol branco da *Substância*. Metal em fusão, que enche a taça dos meus olhos, escorre em meu ser, consumindo-o; e meu ser, como uma fonte, jorra novamente na cuba...





Bastou uma página, a primeira – quatro Definições e algumas faíscas que saltaram ao atrito das pedras de sílex da *Ética*².

Não tenho ilusões e nem quero criá-las nos outros. Eu não pretendo que essa virtude de milagre seja inerente a palavras mágicas, nem acredito que eu tenha apreendido ali o pensamento verdadeiro de Espinosa. Tanto que, lendo o longo primeiro volume de *Introdução*, honesto e receoso, de Emile Saisset, eu não me detinha aos argumentos amedrontados desse espiritualista, e saltava alegremente por sobre o parapeito no braseiro de que ele procurava, com seu trabalho, defender-me – Ingênuos opositores! É graças a eles que conhecemos e amamos os gênios proibidos! –; assim, no próprio texto de Espinosa, eu descobria não a ele, mas a mim ignorado. Na inscrição traçada no umbral da *Ética*, nessas Definições com letras flamejantes, eu decifrava não o que ele dissera, mas o que eu queria dizer, as palavras que meu próprio pensamento de criança, em sua língua inarticulada, empenhava-se em soletrar. Nunca se lê um livro. Lê-se a si mesmo através dos livros, seja para descobrir-se, seja para controlar-se. E os mais

2. Baruch de Espinosa, *Ética* I, Definições 3, 4, 5, 6 e a Explicação que se segue. Centelhas arrancadas das proposições 15 e 16 da parte I, até o Escólio do Lema 7 da parte ii.





objetivos são os mais iludidos. O maior livro não é aquele cujo comunicado se imprime no cérebro tal como a mensagem telegráfica sobre um rolo de papel, mas aquele cujo choque vital desperta outras vidas e, de uma a outra, propaga seu fogo, que se alimenta das essências diversas e, tornando-se incêndio, de floresta em floresta se alastra.

Não tentarei, portanto, explicar aqui o sentido libertador do verdadeiro pensamento de Espinosa, mas aquele que ali encontrei porque desde a infância minha obscura paixão, tateando, o procurava.

E certamente não foi o mestre da ordem geométrica (*Ethica ordine geometrico demonstrata*), não foi o racionalista que me conquistou em Espinosa (algum prazer estético que me oferecessem os jogos magníficos da razão): foi o realista.

Como é estranho que esse aspecto da grande figura esteja recoberto, a ponto de tornar-se invisível, pelo pesado verbalismo intelectual dos filósofos de profissão! Como, ao primeiro olhar, eles não captam esse olhar, essa voz, ébrios do Real!

Disso podemos ver ser-nos antes de tudo necessário que sempre deduzamos todas as nossas ideias das coisas físicas, ou seja, dos seres reais, indo, quanto se pode fazer segundo a série das causas, de um ser real para outro ser real, de modo a não passarmos a ideias abstratas e universais, quer não deduzindo delas nada de real,





quer não as concluindo de coisas reais. Ambas as coisas, com efeito, interrompem o verdadeiro progresso do intelecto.

Não é um princípio de realismo alucinado que governa com essas palavras o *Tratado da Correção do Intelecto*³, acrescentando logo em seguida, com a imperturbável segurança do visionário: “Note-se, porém, que por série das causas e dos seres reais não entendo aqui a série das coisas singulares e móveis, mas apenas a série das coisas fixas e eternas.”⁴

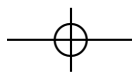
“As coisas fixas e eternas” são “reais”. Elas são o mais real. E tudo o que é real é individual. “As coisas fixas e eternas” são “singulares”.⁵ Sem mais abstrações. Essências. Seres. Tudo é ser: e os Modos inumeráveis e finitos; e a infinidade dos Atributos infinitos; e o Ser dos seres, a Substância, “este ser é único, infinito, quer dizer, todo o ser, e fora dele não há ser algum”.⁶

3. Id., *Tratado da correção do intelecto*, trad. Marilena de Souza Chauí, in *Os Pensadores* vol. xvii. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 73.

4. Id., “*Per realitatem et perfectionem idem intelligo*” in *Ética*, II, Definição 6. [“Por realidade e perfeição entendo o mesmo”, trad. Marilena Chauí e Grupo de Estudos Espinosanos. São Paulo: Edusp, 2015, p. 127.]

5. Id. *Tratado da correção do intelecto*, op. cit. p. 73-74.

6. Ibid., p. 68.





Vertigem!... Vinho de fogo!... Minha prisão se abre. Eis então a resposta, obscuramente concebida na dor e no desespero, invocada por gritos de paixão com as asas quebradas, obstinadamente buscada, desejada, ei-la flamejante, a resposta ao enigma da Esfinge, que me abraça desde a infância – à antinomia ultrajante entre a imensidão de meu ser interior e a masmorra de meu indivíduo que me avilta e me sufoca!

“Natureza naturante” e “Natureza naturada”

⁷...

São a mesma.

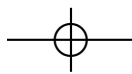
“Tudo que é, é em Deus”.⁸

E eu também, eu sou em Deus! De meu quarto gelado, onde cai a noite de inverno, evado-me no abismo da Substância, no sol branco do Ser.

Horizontes inauditos! Meu sonho, mesmo em seus voos mais delirantes, foi ultrapassado. Não somente meu corpo e meu espírito, também meu universo banham-se em mares sem limites, a Extensão, o Pensamento, cuja vastidão nenhuma caravela poderá contornar. Mas, na insondável imensidão, escuto murmurar, ao infinito, outros mares, outros mares desconhecidos, Atributos inomináveis, inconcebíveis, ao infinito. E todos estão con-

7. Id., *Ética* I, 29, Escólio, op. cit., p 97.

8. Ibid., I, 15, p. 67.





tidos no Oceano do Ser. Entre seu polegar e seu dedo mínimo eles acomodam-se à vontade. A intuição de Espinosa abre os céus cerrados – com dois séculos de antecedência, pioneira dos *conquistadores* da ciência moderna. E se tal intuição sabe e nos diz que, sob nossa forma humana, nós não aportaremos jamais nesses Novos Mundos, também nos comunica a embriaguez da certeza de que eles existem, de que eles estão aqui, perto de nós: e não é somente um fato do conhecimento, mas as batidas do coração de uma coexistência. Enriquecimento prodigioso do meu universo, há apenas um instante sufocado na gaiola de meu estreito peito! E meu coração não sofre de sua enormidade. Com as asas estendidas, planando nesses espaços, de fôlego em fôlego, solidão em solidão, fitando, sem piscar, o olhar da Face onipresente – *Facies totius universi*⁹ – sinto-me sustentado pela infalível mão da Livre Necessidade, que emana do Deus. Eu não cairei. Porque sou dele. Minha queda seria a sua... *Si una pars materiae annihilaretur, simul tota Extensio evanesceret...*¹⁰

9. Id., Carta 64 a Schuller. [“O aspecto do universo inteiro”] [edição francesa disponível: Spinoza, *Correspondance*, org. Max Rovere, Paris, GF Flammarion, 2010].

10. Id., Carta 4 a Oldenburg [“Se uma única parte da matéria se aniquilasse, imediatamente toda Extensão evanesceria...”] [edição francesa disponível: Spinoza, *Correspondance*, org. Max Rovere, Paris, GF Flammarion, 2010].





Eu não posso cair a não ser Nele. Estou calmo. Tudo está calmo. Gozo de minha plenitude e de minha harmonia... “Possuindo, por uma espécie de necessidade eterna, o conhecimento de mim mesmo e de Deus e das coisas, eu nunca deixo de ser; e a verdadeira paz da alma, eu a possuo para sempre.”¹¹

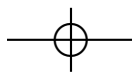
Mas essas últimas linhas da *Ética* não devem ser lidas – e eu não as lia – com os olhos frios da inteligência. É preciso trazer-lhes a paixão do coração e o ardor dos sentidos. É preciso participar do espasmo dessa “Beatitude”, como ele mesmo a nomeia, nosso Krishna da Europa, e que é “um amor”¹² e uma volúpia – o mais voluptuoso dos gozos humanos: *Aeternitatem, hoc est, infinitam existendi, sive, invita latinitate, essendi fruitionem.*¹³

Deguste o sabor sensual desse latim bárbaro, *essendi fruitio!*... Com meus olhos, com minhas

11. Romain Rolland retoma em primeira pessoa trechos do Escólio da Proposição 42 (*Ética*, V). (N. T.)

12. “O amor divino ou a beatitude...”

13. B. Espinosa, Carta 12 a L. Meyer, trecho [5] [Trecho completo: “Donde nasce a diferença entre eternidade e duração. Pela duração, nós podemos com efeito explicar somente a existência dos modos. E a da substância, pela eternidade, isto é, pela fruição infinita do existir (a despeito do latim) do ser.”]. No trecho citado por Romain Rolland, e aqui em negrito, Espinosa escreve “a despeito do latim” porque a forma como ele utiliza o verbo *ser* no final é um barbarismo que se distancia do latim clássico. (N. T.)





mãos, com minha língua, com todos os poros do meu pensamento, eu o degustei. Eu alcancei o Ser.

Oh riso de Zaratustra! Eu não esperei Nietzsche para conhecê-lo. Você ressoa aqui, mas com que harmonias mais belas e mais plenas! E como elas são próximas da *Ode à alegria*!...

“A alegria é um afeto pelo qual a potência de agir do corpo é aumentada... a alegria é diretamente boa... A Hilaridade não pode ter excesso, sendo sempre boa... O riso, como o gracejo, é mera Alegria, e por isso, conquanto que não seja excessivo, é bom por si... Quanto maior é a Alegria com que somos afetados, tanto maior é a perfeição a que passamos”...¹⁴

..”gozar moderadamente de comida e bebida agradáveis, assim como cada um pode usar, sem qualquer dano a outrem, dos perfumes, da amenidade dos bosques, do ornamento, da música, dos jogos esportivos, do teatro e de outras coisas desse tipo”...¹⁵

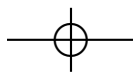
...Servir-se das coisas da vida e usufruí-las tanto quanto possível... Reunir-se aos outros e tratar de os unir – pois tudo o que tende a uni-los é bom –

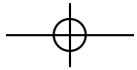
– esforçar-se por partilhar sua alegria com os outros...¹⁶

14. Id., *Ética*, IV, 41, 42 e 45 (Escólio do Corolário 2), op. cit., p. 443, 447, 449.

15. Id., *Ética*, IV, 45 (Escólio do Corolário 2), op. cit., p. 449.

16. Id., *Ética*, IV, 40, op. cit., 443.







– unir-se, em pleno conhecimento, com toda a natureza...¹⁷

Seid umschlungen, Millionem!...

Abracemo-nos, milhões de seres!

Julho de 1924



17. Id., *Tratado da correção do intelecto*, op. cit. p. 53.